

ADRIANA VIGNOLI

NOTA SOBRE PAISAGEM FEITA COM GRÃOS DE PEDRA DE ADRIANA VIGNOLI

POR MAYKSON CARDOSO

Metade de uma ampulheta, uma âmbula de vidro – como se pode chamar cada uma das partes que formam este aparato antigo para contar o tempo – quase flutua; engenhosamente erguida por mangueiras de cateter, guarda dentro um tanto de pó vermelho enquanto se pode notar, logo abaixo, outra tanto que se avoluma no chão. À primeira vista, é, de um lado, sobre a suspensão do tempo e, de outro, sobre a sua dissolução, que trata a obra “Paisagem Feita com grãos de pedra”, de Adriana Vignoli; um tempo que, agora contido, outrora vazara e que, por isso, não pode ser mais contado, já que se tornara um “tempo perdido”, isto é, irrecuperável.

Entretanto, ao ter notícias de outras camadas de sentido que são ali evocadas, a coisa se abre e ganha outras dimensões; revela o quanto a arte – o artista – é mesmo capaz de causar, apontar e fazer repercutir determinados “furos”; traz à tona, mais uma vez, junto à estética, uma ética: a ficha técnica informa que aquele pó vermelho é parte do solo de Brasília, escavado, recolhido e triturado pelas mãos da artista. E não pode haver nada mais intrigante do que escavar, recolher e triturar, ainda que de modo tão delicado, o solo em que se pisa.

Neste sentido, cabe questionar até que ponto a obra tão processual de Adriana Vignoli não se inscreve, isto é, não é dotada do que Walter Benjamin chamava de “caráter destrutivo”: o caráter de quem, ao esbarrar em muros ou montanhas, não vê, senão, uma passagem; o caráter de quem pode fazer de tudo uma ruína “nem sempre com brutalidade, às vezes com

refinamento”, jamais pelas ruínas em si, “mas por causa do caminho que passa através delas”.

A cidade de Brasília – que se ergue, no projeto de Lúcio Costa, como efígie de um avião – é, assim, solicitada pela artista que coloca os pés e as mãos em sua terra vermelha, provocando-lhe uma pequena cisão para retirar o que, sedimentado, se tornará, outra vez, pó, resguardado e suspenso; no entanto, suspenso apenas para cair outra vez e, outra vez, ser chão.